

FUTEBOL, PODER E GENEALOGIA: A TRÍADE ESTRUTURANTE DA *DOXA* DO CAMPO FUTEBOLÍSTICO DE CURITIBA

Luiz Demétrio Janz Laibida²⁹

Resumo: O objetivo principal deste artigo é analisar como se configuram as relações de poder no interior do campo futebolístico de Curitiba, utilizando-se de aspectos genealógicos como metodologia estruturante para estabelecer relações da *doxa* vigente do campo supracitado. A escolha de Curitiba se deu por ser uma região marcada pela intensa dominação e continuísmo de grupos familiares no poder da capital e do Estado que são disseminados no campo futebolístico. Esta análise se justifica pela recorrência de nomes da política local que se fizeram presentes também na Federação Paranaense de Futebol, ou seja, as questões relacionadas ao futebol estão alicerçadas nas questões genealógicas e também fazem a interface com a política local. O universo empírico dessa análise é análise bibliográfica de alguns dirigentes de clubes da capital. Para a operacionalização desta proposta será utilizada a teoria bourdieusiana para realizar uma análise do campo esportivo, faze-se necessária fazer a verificação da posição que tal campo ocupa frente aos demais campos do poder, mapear as disposições dos agentes inseridos no campo a ser estudado através da análise do *habitus* dos mesmos. Para Bourdieu, o campo esportivo seguiria a mesma lógica dos demais campos, quais seja a presença dos dominantes e dominados em constante disputa de capitais, e *doxa* e *nomos*.

Palavras-Chave: Futebol de Curitiba; Genealogia; Poder

INTRODUÇÃO

“todo menino e todo homem (isto é, a criança ou o bárbaro que há nele) tem a tendência de impelir para a frente, com o pé, latas e cascas de fruta que estão no caminho. A reação natural do homem (não do burguês assentado e, em nossa cultura, quase nunca da mulher) é devolver com o pé uma bola que rola para ele”. (Anatol Rosenfeld)

A citação supracitada é de um dos pioneiros dos estudos futebolísticos Anatol Rosenfeld, referenciando a capacidade inata do homem em chutar as coisas que estão pelo seu caminho, seria uma referência no sentido metafórico, que o futebol é inerente ao indivíduo, por isso, esta paixão desenfreada, em especial, por nós, brasileiros.

A melhor instrumentação teórica utilizada para definir o futebol, que instiga o imaginário de muitos estudiosos e leigos do campo em questão, seria os aportes

29 Doutorando em Sociologia pela Universidade Federal do Paraná. Email: luizdemetrio@ig.com.br

teóricos elaborados pelo antropólogo Roberto Da Matta, em especial, o constructo teórico relacionando o futebol com o “drama social”.

Na concepção de Da Matta o futebol é o simulacro das nossas relações sociais, ou seja, as regras futebolísticas e a sua reelaboração coletiva, representam na maioria das vezes a funcionalidade ética a sociedade, é durante o jogo e no calor das emoções, que se revelam o certo e o errado, moderados pelos apitos do juiz. Para Da Matta, ao pressupor uma igualdade inicial o futebol oferece alguns ensinamentos de democracia e igualdade, onde há a isonomia de regras.

O objeto de estudo deste artigo é a doxa, no sentido de representações dominantes na esfera do campo futebolístico de Curitiba, no sentido de levantar análises reflexivas sobre a tríade da estrutura estruturante do futebol no estado do Paraná que perfaz o simulacro do contexto futebolístico da capital: Poder, Genealogia e Futebol.

Os aportes teóricos utilizados nesta análise serão as discussões de conceitos principais de Pierre Bourdieu, de posse destes instrumentos fornecidos por este autor é possível analisar a posição ocupada pelos agentes neste campo, ou seja, ao verificar os capitais dos agentes é possível posicioná-lo no campo (cargos de dirigência), e ao verificar os capitais simbólicos e as relações entre os campos, é possível determinar os elementos imprescindíveis para a conversão de capitais dos dirigentes para a efetiva entrada em outros espaços, que no caso proposto é o campo político. Uma outra importante referência dos estudos da sociologia do esporte são Elias e Dunning, que utilizaram o esporte como um instrumento para a compreensão do processo social e também será discutido as questões de genealogia a partir das obras de Oliveira.

FUTEBOL, PODER E GENEALOGIA: SÍNTESE TEÓRICA

O objeto de estudo deste trabalho - o futebol, também passa pela complexa discussão entre individualidade e coletividade, o futebol brasileiro é *sui generis*, por ser estruturado pela improvisação e individualidade. Desta maneira, o futebol é na sociedade brasileira, um marco de individualização e possibilidade de expressão individual, muito mais do que expressão de coletividade, é a partir deste foco dialético entre individualização e coletividade, que o futebol brasileiro permite exprimir o conflito presente entre destino impessoal X vontade individual, este é um simulacro da própria sociedade brasileira, que o jogo de futebol focaliza e dramatiza, pois mesmo apresentando vontades individuais este esporte é regido por leis impessoais,

apresentando fatores imprevisíveis que podem dar a vitória para uma equipe considerada menos apta para ser a vencedora, ou seja, não há um modo de prever com segurança uma relação direta (racional) entre os meios e os fins.

O viés teórico para analisar o futebol será a partir da ideia de dramatização como parte elementar do ritual elaborada por Roberto DaMatta. Para este autor, sem o drama não há rito e o traço distintivo do dramatizar é chamar a atenção para as relações, valores ou ideologias que de outro modo não poderiam estar devidamente isoladas das rotinas que formam o conjunto da vida diária, ou seja, o ritual e o drama seriam um determinado ângulo através do qual uma dada população conta a sua história. Neste sentido, não se trata de discutir a verossimilhança dos fatos, mas de perceber como o brasileiro expressa-se, apresenta-se e revela-se em um dos seus momentos de liberdade social. A proposta deste autor está em relativizar a análise, fugindo do modelo tradicional de dicotomizar o objeto a ser estudado.

Para ele, é decorrente desta ideologia a tese do “Futebol como Ópio do Povo”, da mesma forma que a economia é considerada a base da sociedade. Assim sendo, o futebol brasileiro seria um instrumento ideológico utilizado pelas elites (pensantes) como um meio de desviar a atenção das massas (pensadas) de suas mazelas sociais.

DaMatta, indica que é basilar que se visualize o futebol além do seu caráter funcional, pois só assim torna-se possível envolver a função política e social deste esporte, que acaba acarretando várias tensões sociais, como ele salienta: “Só que eles são os problemas da nossa própria sociedade, daí a dificuldade em percebê-los e discuti-los”. (1982: 22)

Através do futebol pode-se realizar outra forma de dramatização, onde uma entidade abstrata como um país, torna-se algo visível e concreto sobre a forma de uma equipe que sofre, vibra e vence os seus adversários. Representando uma massa popular que normalmente desprovida de voz e quando fala necessita respeitar uma ordem hierárquica, mas o futebol parece permitir certa, horizontalização do poder, através da reificação esportiva, permitindo ao povo uma espécie de poder simbólico, onde ele vê e fala abertamente com o Brasil, sem a obrigação de intermediários.

Relacionar o futebol com concepções atreladas à política é uma junção em torno do país é algo concreto e uma poderosa dramatização que o futebol permite realizar e que transcende os seus usos e abusos pelo governo. Pois o futebol é uma atividade “democrática” pautada no desempenho individual, ou seja, ninguém se torna craque através da família, pelo compadre, ou por decreto presidencial, é necessário provar as suas qualidades em uma ação concreta, algo raro na sociedade brasileira,

ou seja, consiste numa das poucas modalidades brasileiras que impera a meritocracia.

O que se pode apreender é que no ensaio de explicar a popularidade do futebol no Brasil, DaMatta vale-se dos conceitos de ritual e drama social, para tratar o futebol como um meio distinto de analisar uma série de problemas expressivos da sociedade brasileira, o que em certa medida justificam a popularidade deste esporte no nosso país.

Quais seriam as representações dominantes do futebol na esfera de Curitiba? Qual a doxa? Será que a estrutura estruturante seria a mesma que utiliza as questões de genealogia e parentesco para a configuração do poder de determinadas instituições no estado paranaense? Para tanto, alguns conceitos instrumentalizadores desenvolvidos por Pierre Bourdieu (2001), podem ser utilizados. O autor argumenta que a perspectiva de que a parcela da população “politicamente ativa” forma um campo relativamente independente, com processos de avaliação e legitimação internos, e cujos participantes assimilam uma *illusio*, uma crença na regras do jogo deste universo específico. Deste modo, é preciso entender as regras desse campo e as propriedades que determinam a posição desses participantes nas lutas dentro do campo. Essas propriedades são, por um lado, elementos incorporados ou objetivados através de garantia formal (sanção legal ou titulação) e, por outro lado, determinam um sistema de disposições de ação e apreciação, o *habitus*, que, juntamente com os capitais acumulados pelo indivíduo, determinam as atuações do agente dentro do campo.

Através de sua filosofia da ação, Bourdieu (2004) propõe uma teoria da prática ou do modo de engendramento das práticas que é definida por ele como uma ciência da dialética da interioridade e da exterioridade, ou seja, da interiorização da exterioridade e da exteriorização da interioridade. Essa concepção se encontra na gênese do conceito de *habitus*, que é um sistema de disposições duráveis e transferíveis que constituem a estrutura da vida social. Ao integrar todas as experiências passadas, o *habitus* pode ser entendido como um sistema de esquemas de produção de práticas que funciona também como uma matriz de percepções, apreciações e ações, tornando possível a realização de tarefas diferenciadas. Desse modo, segundo Bourdieu (2004, p. 21-22), o *habitus* é o “...princípio gerador e unificador que retraduz as características intrínsecas e relacionais de uma posição em um estilo de vida unívoco, isto é, em um conjunto unívoco de escolhas de pessoas,

de bens, [e] de práticas”.

Ao tentar compreender as implicações da noção de *habitus*, Bourdieu (2003) articula as relações entre estes e os *campos sociais*, redes de relações objetivas entre posições sociais definidas objetivamente em sua existência e que fornecem determinações que elas repõem aos seus ocupantes, agentes ou instituições por sua situação social atual e potencial e por sua posição relativa em relação a outras posições. Visto assim, o *campo* é um espaço estruturado a partir de posições de poder e disputas simbólicas no qual se constata a existência de leis genéricas. Nessa mesma lógica, as práticas sociais são definidas pelo autor como o resultado do aparecimento de um *habitus*.

Como os indivíduos estão inseridos espacialmente em determinados *campos* sociais, a posse de grandezas de certos capitais (cultural, social, econômico, político, artístico, entre outros) e o *habitus* de cada um condicionam seu posicionamento espacial. Porém, a posição espacial no campo social é determinada especialmente pelas posses de capital econômico e de capital cultural. Assim, pode-se dizer que a riqueza econômica (capital econômico) e a cultura acumulada (capital cultural) geram internalizações de disposições (*habitus*) que diferenciam os espaços a serem ocupados por eles. Desta forma, as ferramentas desenvolvidas por Bourdieu (*campo*, *habitus* e capitais), fornecem instrumentos essenciais para a análise da relação entre as elites do futebol e da política, bem como os meios conversores de capitais desses espaços.

Já Elias e Dunning (1992) utilizaram o esporte como um instrumento para a compreensão do processo social. Na obra ‘A busca da excitação’, escrita por ambos, resgata-se a teoria do processo civilizador, bem como a sua metodologia, para aplicar ao esporte, em especial ao futebol. Dunning (2003, p.80), ao analisar os esportes praticados nos séculos XVIII e XIX, dentre eles o futebol, se remete a ideia de que o desenvolvimento dos mesmos pode ser entendido como uma forma de processo civilizador.

Outro estudo importante para este trabalho é a obra “O Silêncio dos Vencedores: genealogia, classe dominante e Estado do Paraná”, de Ricardo Costa de Oliveira (2001), em que o autor traça um panorama geral da elite paranaense, adentrando as questões genealógicas, determinante para a construção e permanência da configuração atual da política do Paraná. Dessa maneira, este estudo oferece a possibilidade de interlocuções entre as estruturas do campo político e do

campo do futebol. Segundo Oliveira (2001), o Paraná nasceu politicamente em sintonia com a ordem dominante central, assim sendo, a mais nova província do Império tinha o papel de se modernizar, como de fato incidiu em algumas esferas, mas a conjuntura que está relacionada ao poder, não dá para perceber notáveis alterações, o que se observa é o poder desmembrado nas mãos de famílias tradicionais, que vão se reproduzindo nas principais instituições do estado, o campo do futebol, não foge à lógica.

Oliveira (2007) segue proferindo que o estudo dos ricos e poderosos perfaz uma análise sobre uma ampla rede social e política de interesses. Muitas vezes, as conexões e os capitais sociais e políticos são acumulados ao longo de diversas gerações. Fato delineado no Brasil e, em especial no Paraná a ação social e econômica dos poderosos fundamenta-se em torno do aparelho do Estado como forma direta e indireta de controle do fluxo de informações, capitais e privilégios essenciais para a reprodução da classe dominante.

De acordo com Oliveira (2001), o significado e a formação da classe dominante seguem alguns critérios: o primeiro diz respeito a materialidade (composta pela inserção econômica ocupada pelos sujeitos, demandando com isso a posição de comando da sociedade local, o outro diz respeito a indivíduos e grupos familiares que acumulam capitais e entram na classe dominante.

TRAÇOS BIOGRÁFICOS DE DIRIGENTES DO FUTEBOL EM CURITIBA

Quanto à perspectiva teórica de análise, os conceitos que irão interagir com as hipóteses propostas serão basicamente retirados das obras de Bourdieu. Segundo Bourdieu e Wacquant (2008) para realizar uma análise do campo esportivo é necessário verificar a posição que tal campo ocupa frente ao campo do poder, mapear a estrutura objetiva das relações das instituições e dos agentes com relação à disputa pela autoridade legítima no campo, e, por último, analisar o *habitus* dos agentes do referido campo. Visto isso, fica evidente a questão da estrutura estruturada e estruturante entre campo e *habitus*.

De posse destes instrumentos fornecidos por Bourdieu é possível analisar a posição ocupada pelos agentes neste campo, ou seja, ao verificar os capitais dos agentes é possível posicioná-lo no campo (cargos de dirigência), e ao verificar os capitais simbólicos e as relações entre os campos, é possível determinar os elementos imprescindíveis para a conversão de capitais dos dirigentes para a efetiva entrada em

outros espaços, que no caso proposto é o campo político.

Para materializar estas análises o método a ser utilizado será o prosopográfico, para analisar, mesmo que de maneira pormenorizada os traços biográficos coletivos dos dirigentes do futebol de Curitiba. De acordo com Heinz a utilização deste método ajuda na elaboração de perfis sociais de determinado grupo social, como profere o autor:

Embora talvez nem todos os especialistas concordem com isso, podemos considerar a prosopografia, ou o método das Biografias Coletivas (os termos são comumente intercambiáveis, sobretudo em se tratando de seu uso em história contemporânea), como um método que utiliza um approach de tipo sociológico em pesquisa histórica, buscando revelar as características comuns (permanentes ou transitórias) de um determinado grupo social em dado período histórico. As biografias coletivas ajudam a elaborar perfis sociais de determinados grupos sociais, categorias profissionais ou coletividades históricas, dando destaque aos mecanismos coletivos - de recrutamento, seleção e de reprodução social – que caracterizam as trajetórias sociais (e estratégias de carreira) dos indivíduos. (HEINZ, 2006, p. 9)

O método prosopográfico permite estudar um universo específico da amostra (dirigentes) em questão visando motes sobre seu perfil e área de atuação. Este método procura desvendar traços comuns num determinado grupo social, além de ser um enfoque sociológico freqüentemente utilizado em pesquisas de cunho historicista.

CORITIBA FOOTBALL CLUB

O primeiro clube de futebol paranaense foi o “Coritibano Foot-Ball Club”, atual Coritiba Football Club, criado através de uma organização dos alemães em julho de 1909, os quais regressavam da cidade de Pelotas no Rio Grande do Sul, onde o futebol já era muito mais praticado. O grupo de alemães e seus descendentes pertenciam ao clube Ginásio Teuto-Brasileiro com famílias tradicionais alemãs como os Dietrich, Hauer, Iwersen, Obladen, entre outros.

Entre os fundadores do Coritiba, destaca-se o argentino, natural de Buenos Aires, e descendente de alemães Frederico Fritz Essenfelder, que em sua vinda para Curitiba participou ativamente dos eventos desportivos do Clube Ginásio Teuto-Brasileiro, o qual decidiu em 1909 chamar de Coritiba Foot-Ball Club. Ele foi prontamente aceito pelos demais descendentes de alemães do grupo e o segundo presidente do clube, em 1915. Os pianos Essenfelder eram sinônimos de luxo, requinte e bom gosto nas casas elitistas curitibanas. O primeiro presidente do Coritiba foi o também descendente de alemães e empresário João Viana Seiler, pioneiro da

indústria de laminados no Paraná que atuou ainda nos setores atacadista e cerâmico. Conseguiu acumular um bom patrimônio antes de construir o casarão da Rua Brigadeiro Franco. Morava numa casa em um amplo terreno na Rua Desembargador Westphalen, onde funcionou, durante muitos anos, o Cine São João, que recentemente foi transformado em estacionamento e depois em templo religioso.

Outros personagens importantes na história Coritibana sucederam-se na presidência, um deles foi Constante Fruet, presidente do clube em duas ocasiões, 1916-1917 e 1926, bisavô do atual prefeito de Curitiba, Gustavo Fruet. Curiosamente o tio-avô de Gustavo, Humberto Fruet foi o primeiro presidente do Savóia Futebol Clube, um dos primeiros clubes que deram origem ao Paraná Clube, e seus avós Constante e Geni Fruet, dirigentes da Escola Dominical da Igreja Presbiteriana Independente de Curitiba do Largo da Ordem, eram atleticanos declarados.

No ano seguinte assumiu a presidência um dos maiores nomes na história do clube, o Major Antônio Couto Pereira, que nasceu no Ceará em Baturité, porém, viveu grande parte da sua vida em Curitiba, era filho do latifundiário e Coronel Lindolpho Pereira Lima e de Francisca Soares do Couto, casou-se com Odette Pereira Correia e teve dois filhos.

Filiou-se ao clube em 1916 e após dez anos foi aclamado presidente do time. O Major foi presidente do Coritiba nos anos de 1926, 1927, 1930 a 1933, 1936 a 1945 e 1947.

Couto Pereira ganhou a patente de Major durante a revolução de 1930, onde teve atuação destacada como elo entre o Gal. Plínio Tourinho, comandante das forças revolucionárias no Paraná, e Getúlio Vargas. O Major foi deputado estadual no estado do Paraná em 1933.

Tempos depois mais uma importante personalidade paranaense que presidiu o Coritiba foi Amâncio Moro. Nasceu em Curitiba, em 31 de julho de 1908, filho de Domingos Antonio Moro e Natália Lucas Moro. Foi casado com D. Albertina Moro e teve um filho, o Dr. Carlos Alberto Moro, além de presidente do Coritiba foi também presidente da Federação Paranaense de Futebol. Na vida política, foi vereador na capital, por quatro anos, tendo sido Prefeito de Curitiba, por nomeação do então governador Bento Munhoz da Rocha Neto.

Logo após, em 1954, Antonio Anibelli, um político muito influente no Estado do Paraná, também presidiu o Coritiba, permaneceu como dirigente por dois anos. Filho de Alberto Annibelli e de Francisca Anibelli formou-se em direito em 1936 pela Faculdade de Direito do Paraná e logo ingressou no Ministério Público e

posteriormente foi eleito prefeito de Clevelandia em 1944. Seis anos depois foi eleito para a Assembléia Legislativa e reeleito em 1958. Pouco tempo depois, em 1962, chegou à Câmara dos Deputados. Foi governador do estado do Paraná no período de 03 de abril até 1º de maio de 1955, em substituição ao governador Bento Munhoz da Rocha Netto quando este aceitou ocupar a pasta do Ministério da Agricultura no governo Café Filho.

CLUBE ATLÉTICO PARANAENSE

O Clube Atlético Paranaense surgiu da união do Internacional e do América em 26 de março de 1924. A primeira diretoria ficou constituída da seguinte maneira: presidente, Arcésio Guimarães; vice-presidente, Joaquim Narciso de Azevedo; primeiro-secretário, Hugo Franco; segundo-secretário, Arnaldo Loureiro de Siqueira; primeiro-tesoureiro, Matheus Boscardin; segundo-tesoureiro, Erasmo Mäder; diretor esportivo, Oscar Spinola; Comissão de Contas, Raul Carvalho, Heitor Requião, Alcídio Abreu e José Euripedes Gonçalves.

O pioneiro e “patriarca” do clube foi Joaquim Américo Guimarães, ainda no extinto Internacional. Nasceu em Paranaguá em 4 de novembro de 1879. Filho do major Claro Américo Guimarães e de Pórcia de Abreu Guimarães, era neto do Visconde de Nácar. De família tradicional, era usineiro, ligado ao mate, destaque na economia do estado. Foi presidente do Jockey Club do Paraná e também vereador em Curitiba. Faleceu prematuramente em 1917. Deixou sete filhos como herdeiros.

Logo após sucedendo o pioneiro surge a figura de Agostinho Ermelino de Leão Júnior, empresário da tradicional indústria de chá Leão JR, a Matte Leão, era filho de Agostinho Ermelino de Leão, presidente da Província do Paraná entre 1864 e 1875.

O primeiro presidente do Atlético “de fato” foi Arcésio Guimarães em 1924, seu mandato durou dois anos. Filho de João Guilherme Guimarães, neto de Visconde de Nácar e sobrinho de Joaquim Américo Guimarães, Arcésio Guimarães nasceu em Paranaguá no dia 09 de fevereiro de 1888. Ao chegar em Curitiba, logo se identificou com o Internacional, clube fundado por seu tio. Desde muito cedo dedicou-se ao comércio, tendo sido sócio da empresa Guimarães & Cia. Desempenhou o cargo de vereador e presidiu a Câmara Municipal de Curitiba, a Associação Comercial do Paraná e o Clube Curitibano. Jornalista foi um dos sócios do jornal Gazeta do Povo.

Seu vice, Joaquim Narciso de Azevedo, além do “cargo” no Atlético em 1924 presidiu o clube em 1926 e 1930 e assumiu em dezembro de 1927 o comando da

Federação Paranaense de Desportos.

Na década de 60, a figura de Renato Barreto de Siqueira foi importante para o clube. Filho de Arnaldo Loureiro de Siqueira que era irmão de José Loureiro de Siqueira e de Anfrísio Fonseca de Siqueira. Casado com Alair Maria Surugi de Siqueira, procurador adjunto do Tribunal de Contas do Paraná, presidiu o clube nos anos de 1962 e 1963. Seu primo José Loureiro de Siqueira Júnior, sobrinho de Arnaldo Loureiro de Siqueira e de Anfrísio Siqueira, foi eleito para ocupar a presidência depois da renúncia de Ernani Santiago de Oliveira, no início de 1969.

Ainda no início do clube, dois irmãos também se destacavam na Presidência e na sociedade paranaense, eram Candido Mader Erasmo Mäder. Candido assumiu por duas gestões 1925-1926 e 1936-1939, já Erasmo presidiu em 1946. Oriundos de família tradicional eram filho do coronel Nicolau Mäder e de Francisca da Costa Mäder, donos de uma grande empresa de erva-mate, principal produto agrícola do Paraná no início do século XX. Outro irmão seu teve destaque na vida paranaense como presidente da Câmara Municipal de Curitiba foi Odilon Mäder.

Mais um importante nome no Atlético foi o gaúcho Capitão Manoel Aranha, que precedeu a diretoria de Erasmo Maeder. Filho do Coronel Euclides de Sousa Aranha e de Luísa de Freitas Vale Aranha, teve dez irmãos, entre eles Osvaldo Aranha, que participou da Revolução de 30, sendo mais tarde Ministro da Justiça, das Relações Exteriores e da Fazenda e representante do Brasil na primeira Assembléia da ONU. Seguindo a carreira militar, Manoel serviu o exército no Rio de Janeiro em 1938, mas um incidente o faz vir para Curitiba. Adaptando-se a elite local foi convidado a assumir a presidência do clube em 1943 e ficou até 1946 e no mesmo ano deixou o clube e ocupou a presidência da Federação Paranaense de Futebol até 1948. Concorreu a prefeitura de Curitiba em 1954, porém foi derrotado por Ney Braga.

Pouco tempo depois, Aníbal Requião, mais um representante de família tradicional curitibana, foi presidente do Atlético na temporada de 1951. Nasceu em Curitiba em 21 de março de 1903, filho do comerciante Aníbal Requião e de Carlina Correa Requião, ainda na infância começou a se envolver com o futebol, jogou pelo Internacional e foi um dos fundadores do clube, ao lado de seu pai. Participou dos primeiros times do Atlético e exerceu diversos cargos na diretoria. A partir do ano de 1929, dedicou-se aos negócios da família, tocando a Papelaria Requião, uma das mais tradicionais da cidade.

No final da década de 60, mais precisamente em 1968, o advogado Jofre Cabral e Silva assumiu a Presidência do Atlético, era filho do ex-presidente João Alfredo

(1947-1948). Também foi presidente do Clube Curitibano e do Santa Mônica Clube de Campo, o que lhe dava bastante poder e status na sociedade paranaense.

Lauro Rego Barros foi mais uma figura ilustre da sociedade Curitibana a comandar o Atlético em 1972-1973. Nasceu dia 4 de agosto de 1918, em Curitiba, aos 22 anos, formou-se em Direito e foi trabalhar como promotor público no interior do Paraná. Vindo de uma tradicional família atleticana, foi convidado pelo então governador Ney Braga para assumir a Secretaria de Educação. Lauro também administrou a Secretaria de Justiça, posteriormente atuando como diretor de penitenciária. Após o término do mandato de Ney Braga, o então presidente Paulo Pimentel assumiu o governo e manteve Lauro na administração das secretarias. Apesar do modo de trabalhar diferenciado, Lauro trabalhou mais três anos no Estado. Em seguida, assumiu o Tribunal de Contas do Paraná. Já aposentado, Lauro assumiu a presidência do Atlético em 1972, depois de ter sido vice de Rubens Passerino de Moura (1970-1971).

No final da década de 70, o deputado Anibal Khury assumiu a Presidência do clube. Nasceu dia 18 de julho de 1924, em Porto União na divisa entre o Paraná e Santa Catarina, era de filho Salomão Khury e Wadia Kassad Khury, comerciantes que migraram de Abadiem no Beirute para São Paulo e se estabeleceram em União da Vitória. Seu pai, Salomão Khury foi vereador presidente da Câmara de Porto União, influenciando Aníbal a trilhar o caminho da política, que já era integrante da elite política na cidade, depois fez parte da ala jovem da UDN e aos 24 anos elegeu-se como vereador.

Em 1954, mudou para Curitiba com sua esposa Niva Sabóia Khury com quem teve dois filhos: Ricardo Khury e Aníbal Khury Júnior. Neste mesmo ano assumiu o primeiro mandato de deputado estadual na Assembléia Legislativa do Estado do Paraná (ALEP) e nos anos seguintes foi sucessivamente eleito deputado estadual por quatorze vezes e foi Primeiro Secretário da Mesa Diretora da ALEP por oito vezes.

Com sua grande influência política, em 1965 se tornou presidente estadual do Partido Trabalhista Nacional lançando a candidatura do Governador Paulo Pimentel, e com a ditadura militar, anos depois em 1969 foi preso por atos subversivos em detrimento de causa pública, afastado assim por dez anos da vida política. Neste período Aníbal apoiou a construção do Hospital Pequeno Príncipe, e foi Presidente do Clube Atlético Paranaense, chamando alguns amigos para o auxiliarem em 1976 dirigindo obras associativas, mesmo que sem experiência no ramo futebolístico, tentou sanear as finanças e recuperar o clube e após esta experiência disse estar de

missão cumprida, afastando voluntariamente e dizia “Qualquer político, para ser bom mesmo, tem que fazer pós-graduação em futebol!”.

Com a anistia e a redemocratização do país, em 1979, Aníbal voltou à vida política, se tornou secretário geral do Diretório Regional do PP e mais tarde secretário geral do PMDB no Paraná. No ano seguinte voltou a ser reeleito deputado estadual e em 1985 foi eleito Primeiro Secretário da Mesa, e em 1989 foi eleito presidente, presidindo também a elaboração da Constituinte do estado. Novamente em 1991 foi reeleito presidente e em 1995 assumiu a Presidência da Assembléia.

Em 1988 foi reeleito para o seu nono mandato de Deputado com votação recorde, e neste mesmo ano foi eleito à Presidência da casa pela quinta vez.

PARANÁ CLUBE

A criação de outras equipes também foi importante para a atual configuração do futebol de Curitiba. O Paraná Clube é sem dúvida um dos maiores representantes brasileiros na questão de aglutinar equipes, foram várias formações e junções até a sua fundação em 19 de dezembro de 1989. Um clube com “sangue” de vários outros clubes, traz uma historia bastante interessante de análise de poder.

A começar pelo Savóia Futebol Clube, fundado em 1914 por Tarquínio Todeschini, nome dado em homenagem à família real italiana. Todos os descendentes da colônia Italiana tornaram-se adeptos do novo clube. Em 03 de março de 1942, o clube passou a se chamar Esporte Clube Brasil por imposições de autoridades devido à Segunda Guerra Mundial, pois Savóia era um nome vindo da Itália, inimiga da nação. Em 04 de abril de 1944, por decisão do governo federal, teve que trocar de nome novamente: a designação do país não podia ser usada com exclusividade. Passou então a denominar-se Esporte Clube Água Verde, o qual ganhou grande força com o presidente Erondy Silvério, pessoa renomada nos meios políticos da capital do estado. Erondy nasceu em Guarapuava (PR) em 1923, porém radicou-se em Curitiba nos anos 1940, período em que alcançou respeito perante o clube. No início da década de 50, obteve sucesso como empresário do transporte coletivo na capital, com o aval do então prefeito Ney Braga. Pouco tempo depois, elegeu-se vereador em Curitiba, presidiu a Câmara Municipal e foi prefeito interino. Assumiu como deputado estadual em 1966; em 1968, chegou à presidência da Assembléia Legislativa, exercendo sete mandatos até 1994. Liderou o governo nas gestões de Paulo Pimentel, Ney Braga e Hosken de Novaes.

Outra grande referência política e empresarial do Savóia e do Água Verde, e posteriormente do Savóia-Água Verde, foi Orestes Thá. Ele e os irmãos Eduardo Thá, Mikare Thá, Reinaldo Thá e Osvaldo Thá jogaram no Savóia, Água Verde e Britânia. Orestes Thá presidiu o Esporte Clube Água Verde por dez anos, de 1948 a 1958. Na gestão de 1953, conseguiu a sede da Kennedy (onde hoje funciona a sede social do Paraná Clube), através do bom relacionamento com Erondy Silvério, com o vereador Milton Anselmo da Silva e o prefeito Lineu Ferreira do Amaral.

Junto com seu irmão Reinaldo Thá, por meio da construtora Thá e de um contrato com a Rede Viação, construiu o Estádio Durival Britto e Silva, atualmente o principal estádio do Paraná Clube e um dos estádios brasileiros da Copa de 1950.

Dentre vários outros importantes presidentes, porém já bastante contemporâneo, na atual formação de clube, encontra-se Darci Piana (1992-1993). Natural de Carazinho, Rio Grande do Sul, nascido em 24 de dezembro de 1941, casado com Maria José Piana, teve dois filhos. Formou-se em economia, pela Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Católica do Paraná e Ciências Contábeis, pela Faculdade Econômica e Administração da UFPR.

O empresário de autopeças Darci Piana, já foi superintendente Regional da Companhia de Financiamento da Produção no Paraná; presidente do Sindicato do Comércio Varejista de Veículos, Peças e Acessórios do Paraná; fundador e primeiro presidente da Sincocred; presidente do Conselho do Paranaidade e presidente do Conselho Deliberativo do Sebrae/PR. Atualmente é presidente do Sistema Fecomércio/Sesc/Senac Paraná. Darci Piana ainda integra a Academia Paranaense de Letras, na vaga da cadeira nº 29, ocupada pela poetisa pontagrossense Leonilda Justus.

Não poderia deixar de fora da lista Ernani Lopes Buchmann (1996/1997), que nasceu em Joinville (SC), em 15 de agosto de 1948, filho de Arino Brazil Cubas Buchmann e Lucília Lopes Buchmann, formou-se em Ciências Sociais e Direito,

Foi repórter da Rádio Clube Paranaense, revisor da Editora Laudes (RJ) e cronista de inúmeros jornais e revistas, como Correio de Notícias, Folha de Londrina, Panorama, Quem, Atenção, Paraná & Cia., Idéias e Gazeta do Povo, para a qual escreveu, em 2004, com Carneiro Neto e Vinicius Coelho, a série Casos e Acasos do Futebol Paranaense, em 20 fascículos. Trabalhou como produtor e comentarista em emissoras de rádio (Cultura, 96 FM e 91 Rock) e na TV (RIC, Band e SBT/PR).

Iniciou carreira em publicidade em 1972, trabalhando no Rio de Janeiro, dirigindo, depois, diversas agências curitibanas, como Exclam, Master e Get

Propaganda. Foi diretor executivo da Fundação Cultural de Curitiba e membro dos conselhos de administração da Fundação Teatro Guaíra e do Museu de Arte Contemporânea do Paraná. Ex-professor da PUCPR e do Curso de Pós-Graduação em Marketing da ESIC, foi também coordenador e orientador na pós-graduação na Unicuritiba.

Foi eleito para a Academia em 24 de maio de 2005, recebido em sessão solene no dia 17 de outubro do mesmo ano, no Clube Curitibano, pelo acadêmico Carlos Roberto Antunes dos Santos.

JMALUCELLI FUTEBOL S.A

O Grupo J. Malucelli tem como fundador Joel Malucelli, bisneto do pioneiro Giovanni Malucelli. O grupo J. Malucelli é um dos principais referenciais empresariais do Brasil em diversos ramos, entre eles o futebol.

E sobre o futebol, foi o primeiro clube empresa do país através da lei Pelé, e desde que Giovanni e Margherita Malucelli desembarcaram em Morretes, no Litoral paranaense, em 1877, formaram-se dirigentes atleticanos, coxas-brancas, paranistas e de outros clubes, como o Iraty e o próprio J. Malucelli.

Nas décadas de 70 e 80 a família e equipe já formada pelos primeiros integrantes do Grupo J. Malucelli, Joel, primos e amigos, então, reuniam-se para conversar e também jogar futebol. Era um jeito de manterem-se os laços mais estreitos e assim estava nascendo o Malutrom (o primeiro nome originou-se da junção de uma parte de dois sobrenomes das famílias Malucelli e Trombini -, Malu + Trom, parentes entre si). Com o passar dos anos começaram a participar de jogos oficiais na cidade de Morretes, onde tem até hoje uma sede. Treinavam em Curitiba e região após o trabalho, e jogavam na Liga de Morretes conquistando os primeiros troféus em finais de semana, além das viagens ao exterior. Assim ficaram conhecidos fora do Brasil como a equipe "masters" do Clube Malutrom.

Oficialmente no futebol profissional e registrado na Federação Paranaense de Futebol é fundado em 27 de dezembro de 1994, com a denominação anterior de Malutrom Futebol Clube. Em 2005 o nome é modificado para JMalucelli Futebol SA, o qual modifica-se novamente em 2009 para Corinthians Paranaense, através de uma parceria com o clube paulista e também numa tentativa de angariar mais torcedores, esse ultimo sem muito êxito, acabada a parceria em 2012 volta com o nome de JMalucelli Futebol SA.

Entre os integrantes da família, Marcos Malucelli já foi presidente do Atlético Paranaense que colocou seu irmão, Sérgio Malucelli, na direção do próprio Atlético e depois no Iraty. Na capital, o primo Joel Malucelli presidiu o Coritiba entre 1996 e 1997, enquanto o “time” da família, o J. Malucelli é dirigido por Juarez Malucelli e tem Joel Malucelli como presidente de honra.

O pesquisador Antonio Marcos Pereira, filho de Antonio Pereira e Helena Malucelli, fez uma bela e importante biografia da família Malucelli, da qual faz parte. Um trabalho minucioso e fundamental para ajudar a compreender uma das mais importantes famílias paranaenses.

André Malucelli, membro da família Malucelli, participou da pesquisa de Antonio e escreveu sobre a chegada da família de Giovanni Malucelli ao Brasil.

De acordo com André, no ano de 1877, fugindo das dificuldades da Itália, Giovanni Malucelli e esposa Margherita, com 8 filhos, chegaram no Brasil através do Porto de Paranaguá, litoral paranaense. De Paranaguá se firmaram na cidade litorânea, não muito distante do porto, em Morretes, onde a família guarda suas raízes até hoje.

Conforme exaustiva pesquisa, André descobre que a primeira pessoa a ter o sobrenome Malucelli foi Lorenzo Malucelli, inscrito no ano de 1495 no país italiano. Porém, no Brasil, foi com Giovanni Malucelli que a descendência da família Malucelli estabeleceu-se no Brasil. Filho de Marco Antonio Malucelli e Giustina Guidolin, Giovanni nasceu no dia 30 de julho de 1825 na província de Vicenza, cidade de Maróstica, Comuna de Dueville. Aos 25 anos casou -se pela primeira vez com Carolina Marchioretto e teve dois filhos, um casal, que acabou falecendo e um tempo depois também ficou viúvo vindo a casar-se então com Margherita Gobbo (filha de Gio Batta Gobbo e Lucia Galvan), também da província de Vicenza, nascida em 28 de novembro de 1834.

O pesquisador menciona que Giovanni com 52 anos, que trabalhava como agricultor na Itália, já com 8 filhos, ao lado de Margherita, 43 anos, decidiu -se pelo Brasil. O nome dos oito filhos e idade respectivas quando da chegada ao Porto de Paranaguá, confirmando, no dia primeiro de abril de 1877: Marco Antonio (17), Giustina (15), Baptista (13), Lúcia (11), Lorenzo (9), João (6), Antonio (3) e Domênico (1).

André comenta que antes de se instalarem definitivamente na cidade litorânea de Morretes, a família ficou em Alexandra, no meio do caminho, por 37 dias. Em Morretes hospedaram-se numa pensão até o governo brasileiro indicar a colônia Nova Itália - onde, posteriormente, se estabeleceram no lote 5, onde a família estabilizou -

se e construiu a sua primeira própria moradia nas novas terras (agricultura) até comprar um engenho.

Referencia ainda que um ano após a chegada, Giovanni faleceu vítima de maleita (malária). Margherita, sozinha com os oito filhos mandou buscar dois sobrinhos que moravam na Itália e ela os considerava como filhos. Cinco meses após, sendo atendida por D.Pedro II do governo brasileiro, seus sobrinhos chegaram ao Brasil - Marco e esposa Anda de Bassi e Domênico e esposa Margherita Fellipi e seu filho Lorenzo (Marco e Domênico eram filhos de um irmão de Giovanni).

Por fim, uma família que tem na imigração italiana ao Brasil, mais especificamente ao litoral paranaense e no ramo empresarial sua história longínqua na tradicionalidade familiar paranaense e recente no nosso futebol.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisando as instituições e o campo do poder na esfera paranaense, pode-se analisar de maneira heurística que a estrutura estruturante, parafraseando Pierre Bourdieu, do Paraná está alicerçada nas bases genealógicas, ou seja, a maioria das instituições paranaenses é dominada por determinadas famílias que estão que se perpetuam no poder através de gerações.

O campo futebolístico não foge desta estruturação, como foi mostrado neste artigo, como o estudo supracitado era um estudo de caráter pormenorizado, o campo amostral foi as relações genealógicas no futebol nos quatro clubes de Curitiba: Coritiba, Atlético, Paraná Clube e J.Malucelli. Foi exposto um breve histórico da formação desses clubes como também como alguns de seus dirigentes sempre estiveram interligados com as esferas do poder paranaense, tanto no Executivo, como no Legislativo e também no Judiciário, além do ramo empresarial e intelectual, mantendo a estrutura estruturante do Paraná: Genealogia, Poder e Parentesco.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. **Razões práticas**. Papirus, Campinas, 2004. Brasiliense, 1981.

BOURDIEU, P. & WACQUANT, L. **Una invitación a la sociología reflexiva**. 2. ed. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2008.

CARDOSO, F.G. **História do Futebol Paranaense**. Ed. Grafipar, Curitiba-PR, 1978.

DA MATTA, R. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. Zahar Editores, 1983.

DA MATTA, R. **Universo do futebol**: esporte e sociedade brasileira. Edições Pinakotheke, 1982.

DUNNIG, E. **El Fenômeno Deportivo**. Barcelona: Paidotribo, 2003.

ELIAS, N. e DUNNING, E. **A Busca da Excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

GOUSSINSKY.E. ASSUMPÇÃO.J.C. **Coritiba Foot Ball Clube**: emoção alviverde, Curitiba-PR, DBA, 2000.

HEINZ, F. (ORGs). **Por outra história das elites**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

HELLER, M. I.; NOVAES, R.; LALA, R. **Aníbal Khury**: vida e obra. Curitiba: Assembléia Legislativa do Paraná, 2000. 383 p.

MACHADO, H.I. HOERNER JR.V. FAGNANI.J.P. **Clube Atlético Paranaense**: uma paixão eterna, Curitiba-PR: Natugraf, 2010.

MACHADO, H.I. CHRESTENZEN.L.M. **Futebol do Paraná**: 100 anos de história. Curitiba-PR, 2005.

NETO, C. **O Vôo Certo: A História do Paraná Clube**. Ed. Clichepar, Curitiba-PR, 1996.

OLIVEIRA, R. C. **O Silêncio dos Vencedores**: Genealogia, Classe Dominante e Estado no Paraná. Editora Moinho do Verbo, 2001.

OLIVEIRA, R. C. **Famílias, poder e riqueza**: redes políticas no Paraná em 2007. Revista Sociologias, Porto Alegre, ano9, nº 18, jun/dez.2007, p. 150-169.

PEREIRA,A.M.Disponível em:

<<http://triaquimalucelli.blogspot.com.br/search/label/Chegada%20da%20fam%C3%ADlia%20de%20Giovanni%20Malucelli%20ao%20Brasil>>. Acesso em: 16 jun. 2014.

ROSENFELD, A. **Negro, macumba e futebol**. Editora da Unicamp, 1993.